

APLICATIVOS DE *DELIVERY* EM NATAL/RN: A ÓTICA DOS ENTREGADORES E OS NOVOS MODELOS DE TRABALHO

Daniel Carlos Alves Santos¹
Emilly Domingos da Silva²
Jaqueline de Souza Dantas³
Maria Cecília Cordeiro de Brito⁴

Resumo

A forma de consumo em nossa sociedade apresenta-se cada vez mais tecnológica, principalmente através de aplicativos por *delivery*. Nesse sentido, esse estudo objetiva compreender a dinâmica dos principais aplicativos de *delivery* na cidade do Natal/RN (*iFood*, *Uber Eats* e *Rappi*), além das novas formas de exploração de trabalho dos entregadores desses aplicativos. Para isso, realizou-se um mapeamento das áreas de cobertura dos aplicativos em Natal/RN e aplicação de questionários. Constatou-se que em Natal/RN, bairros periféricos e com menor poder aquisitivo não possuem acesso pleno aos principais aplicativos revelando zonas de exclusão e estabelecendo pontos de aglomerações dos entregadores em determinados locais, em detrimento dos fluxos de consumo e funcionamento dos aplicativos, gerando diferentes (micro)territorialidades dos entregadores e possibilidades de acesso aos usuários.

Palavras-Chave: Uberização; SARS-CoV-2; (micro)territorialidades; aplicativos de *delivery*.

FOOD DELIVERY SERVICE IN NATAL/RN: THE DELIVERY PERSON PERSPECTIVE AND THE NEW WORK MODELS

Abstract

The form of consumption in our society is increasingly technological, mainly through food delivery services. This study aims to understand the dynamics of the main food delivery services in the city of Natal/RN (*iFood*, *Uber Eats* and *Rappi*), in addition to the new ways of exploiting the work of the deliverers of these services. For this, a mapping of the coverage areas in Natal/RN was carried out and questionnaires were applied. It was found that in Natal/RN, peripheral neighborhoods and with less purchasing power do not have full access to the main food delivery services, revealing exclusion zones and establishing points of agglomeration of the deliverers in certain locations, to the detriment of the consumption flows and operation of the applications, generating different (micro)territorialities of delivery personnel and possibilities of access to users.

Keywords: Uberization; SARS-CoV-2; (micro)territorialities; food delivery service.

¹Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: danielcarlos472@gmail.com

²Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: emillydoomingos@gmail.com.

³Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: jsdantas05@gmail.com.

⁴Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: cecilia_britto@outlook.com.

SERVICIOS DE ENTREGA A DOMICILIO EM NATAL/RN: LA PERSPECTIVA DE LOS REPARTIDORES Y LOS NUEVOS MODELOS DE TRABAJO

Resumen

La forma de consumo en nuestra sociedad es cada vez más tecnológica, principalmente a través de servicios de entrega a domicilio. Este estudio tiene como objetivo comprender la dinámica de los principales servicios de entrega a domicilio en la ciudad de Natal/RN (*iFood*, *Uber Eats* y *Rappi*), además de las nuevas formas de explotar el trabajo de los repartidores de estos servicios. Para ello, se realizó un mapeo de las áreas de cobertura de los servicios en Natal/RN y se aplicaron cuestionarios. Se encontró que en Natal/RN, barrios periféricos y con menor poder adquisitivo no tienen pleno acceso a los principales servicios de entrega a domicilio, revelando zonas de exclusión y estableciendo puntos de aglomeración, en detrimento de los flujos de consumo y operación de las aplicaciones, generando diferentes (micro)territorialidades del personal de entrega y posibilidades de acceso a los usuarios.

Palabras-clave: Uberización; SARS-CoV-2; (micro)territorialidades; servicios de entrega a domicilio.

INTRODUÇÃO

As relações de consumo dos indivíduos em sociedade se modificam na medida em que sua organização e inter-relações alteram-se, refletindo diretamente os modos de vida e culturas presente nestas. Nesse sentido, impulsionado por um desenvolvimento tecnológico nos últimos anos, as formas de consumo em nossa sociedade vêm-se modificando e adquirindo novos vieses, o que impacta diretamente os trabalhadores que dependem desses setores econômicos, como os entregadores de *delivery*, além dos formatos do mercado de trabalho.

Atualmente, as formas de consumo de nossa sociedade têm se modificado para um cotidiano cada vez mais tecnológico (BITTENCOURT, 2019), transformando a maneira como consumimos produtos, a exemplo da alimentação, através da internet e formatos digitais - comumente denominados de aplicativos por *delivery*.

Essas transformações, tanto estruturais quanto de relações nas formas de trabalho vêm se intensificando no século XXI (ALVES; BAGNO; GONÇALVES, 2020), sendo necessário estabelecer novos entendimentos e conceituações para esses modelos produtivos econômicos, assim como a forma que os indivíduos consomem os produtos dessas economias. Portanto, diferentes denominações têm surgido na literatura, tais como a Economia da Tecnologia Digital ou *On-Demand Economy* (Economia Sob Demanda), inseridas no contexto da 4^o Revolução Tecnológica (SLEE, 2017 *apud* ALVES; BAGNO; GONÇALVES, 2020), ou *Crowdwork* e a

Uberização, abordados especificamente neste trabalho. De forma geral, nesses novos formatos a exploração do trabalho é conduzida através de algoritmos e plataformas digitais, em que os trabalhadores têm suas habilidades - ou seu “saber-fazer”, requisitados por indivíduos através de sistemas, plataformas ou aplicativos (ALVES, 2020 *apud* ALVES; BAGNO; GONÇALVES, 2020).

No ano de 2020, essas novas modalidades de trabalho e formas de consumo, submetidas a tecnologias da informação, observaram um crescimento significativo no Brasil. Segundo dados do Instituto Locomotiva, o crescimento de compras por aplicativo foi de 30% maior até o mês de abril de 2020 (AGÊNCIA BRASIL, 2020a). Esse crescimento ocorre, principalmente, acompanhado da pandemia do novo coronavírus - SARS-CoV-2. Esse novo tipo de vírus, pode causar problemas respiratórios agudos nos infectados de acordo com o Ministério da Saúde (2020), sendo transmitido através de gotículas de saliva ou superfícies contaminadas.

Nesse contexto, com medidas de isolamento e distanciamento social sendo ampliadas, parte da população vêm sendo atingida por um aumento na taxa de desemprego - 14,3% até agosto de 2020 (AGÊNCIA BRASIL, 2020b), forçando muitos indivíduos a optarem por trabalhos no modelo de entrega por *delivery* (MELLO, 2020). Essa nova realidade modifica não apenas as estruturas de trabalho nas cidades, mas também as dinâmicas espaciais urbanas, estabelecendo novos fluxos, territorializações, inter-relações e intensificação da exploração da força de trabalho a partir de novos formatos.

Dessa maneira, têm-se um aumento dos indivíduos que trabalham em empresas de entrega por *delivery*, resultando em maiores ocupações de espaços na cidade, criando não apenas redes, mas também pontos de aglomeração. Assim, na tentativa de compreender esse fenômeno dos aplicativos de *delivery* e seus entregadores, definiu-se como objetivo geral analisar as novas formas de trabalho desses entregadores e sua regionalização na cidade de Natal/RN, considerando ainda o contexto da pandemia do novo coronavírus. De forma a atingir tal objetivo, pretende-se: a) mapear a distribuição e pontos de aglomeração dos entregadores na cidade; b) observar as novas relações do mercado de trabalho dos entregadores; c) compreender as relações da SARS-CoV-2 nesse novo contexto de mercado de trabalho.

Fundamentação teórica: região e território

Para que tenhamos uma compreensão ampla do fenômeno que pretendemos observar, é necessário resgatar conceitos e entendimentos acerca de algumas categorias na geografia. Para

isso, discutiremos de maneira geral os conceitos de região, e seus processos de regionalização, além do conceito de território e (micro)territorialidades.

Torna-se necessário pensarmos as dinâmicas dos entregadores de comida por aplicativo no contexto e à luz dos conceitos de região e regionalização. Segundo Gomes (2000, p.53), podemos compreender a região enquanto um recorte espacial que possui características distintas das demais, essas características variam de acordo com os critérios de análise, não sendo estáticas, assim como os seus limites, tamanhos e escalas de abordagem variam no espaço-tempo a depender da análise empregada.

Com base nesse entendimento, podemos observar o contexto da temática da pesquisa sob a ótica de região, a partir do momento em que estabelecemos critérios que permitam diferenciar áreas do espaço geográfico. Por exemplo, as áreas de cobertura dos aplicativos na cidade do Natal/RN, exploradas analiticamente à posteriori no decorrer do trabalho, mostram diferentes regiões de acesso aos aplicativos. Sendo possível ainda observar esse fenômeno em diferentes escalas, não mais apenas no caráter regional que abrangem grandes extensões do território comumente abordado na literatura.

Entretanto, por mais abrangente que essa conceituação seja, faz-se necessário compreendê-la também enquanto um processo, ou seja, a partir de suas regionalizações/regionalidades. Para isso, segundo Haesbaert (2010, p.6), podemos compreender a região enquanto um processo de regionalização, ou seja, enquanto um recorte do espaço definido a partir de critérios metodológicos e/ou por suas dinâmicas espaço-temporais vivenciadas pelos grupos sociais nesta porção do espaço. Assim, novas dinâmicas e inter-relações espaciais podem ser contempladas por diferentes feições. Portanto, podemos compreender a dinâmica dos trabalhadores de entrega por aplicativo, enquanto um processo de movimentação, ocupação e redes no espaço geográfico, ao estabelecerem características próprias que representam esse processo de regionalização apontado por Haesbaert (2010).

Buscando entender a maneira como ocorre a ocupação dos espaços pelos entregadores de comida por aplicativo em Natal/RN, usamos como amparo teórico o entendimento do conceito de território, a fim de relacionarmos as regiões em que mais atuam dentro da cidade com a noção de territorialidade representada a partir da rede de entrega destes aplicativos.

Raffestin (1993) compreende o território enquanto uma apropriação do espaço geográfico, a partir de atores que adotam estratégias para sua ocupação e conquista. Este contexto territorial nos remete de imediato à ideia de delimitação - por meio das relações dos

indivíduos em uma determinada porção do espaço. Sendo assim, podemos apreendê-lo enquanto lugar de todas as relações e campo de ação, ou seja, uma produção. Portanto, “toda prática espacial (...) induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por uma ‘produção territorial’ que faz intervir tessitura, nó e rede” (RAFFESTIN, 1993, p. 150).

Diante disso, analisar as relações sociais presentes em nosso cotidiano nos permite comparar fragmentações da nossa realidade e a territorialização destes espaços; assim, “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’.” (HAESBAERT, 2004, p. 20). Nessa perspectiva, o território carrega não só a construção material, mas também uma dimensão simbólico-identitária. Este é, simultaneamente, produto e meio de produção, conferindo a si a possibilidade de territorialização. Por sua vez, “a territorialidade é definida como um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos (...) por seus ocupantes ou pelos que os definem” (RAFFESTIN, 1993, p. 159).

Nesse contexto, vale ressaltar a escala micro dos territórios, uma vez que estamos observando as fragmentações diversas causadas por atuações dinâmicas que visam atender cada vez mais às necessidades diferenciadas que nossas mudanças cotidianas exigem, como por exemplo as drásticas transformações ocasionadas pela pandemia do SARS-CoV-2 além das novas formas de relação trabalhista no contexto de inovação tecnológica. Portanto, segundo Fortuna (2012, p.201), podemos definir as (micro)territorialidades enquanto,

subsidiárias deste encontro de processos socioespaciais situados na confluência interescalar do macro e do micro. São também fenômenos situados nos lugares ou, mais objetivamente, em espaços de pequena escala com gente dentro, o que lhes confere, em consequência, uma dimensão humana e territorial particular (FORTUNA, 2012, p.201).

Ou seja, é essa dimensão territorial particular colocada por Fortuna (2012) que atribui maior significância à territorialização, pois permite uma conotação de caráter mais exclusivo, de acordo com a finalidade daquela territorialização.

Estas (micro)territorialidades são consideradas pelo autor fenômenos ativos de escala urbana, pois é nesta dimensão que podemos “discutir as estratégias dos sujeitos e grupos que tecem as suas (micro)territorialidades” (Fortuna, 2012, p.202). Portanto, implica uma abordagem multiescalar do espaço-tempo, principalmente por seus usos serem fragmentados

por intervalos. No caso analisado neste trabalho, as (micro)territorialidades acontecem nos pontos onde os entregadores de comida por aplicativo têm acesso ao produto a ser entregue, como *shoppings*, restaurantes, lanchonetes e etc.; nesses espaços que ocorrem a confluência e aglomeração desses indivíduos, subentendendo estes locais como seu território de atuação de trabalho, o ponto inicial de sua rede de entregas, bem como as localidades até onde os aplicativos disponibilizam os seus serviços também tornam-se territorialidades micro. Além disso, esses pontos de aglomeração na cidade extrapolam o âmbito profissional, uma vez que esses indivíduos ao ocuparem esses espaços criam laços de amizade e companheirismo com outros entregadores.

Além disso, já que estamos abordando essa perspectiva de multiescalaridade, cabe mencionar a dimensão virtual/tecnológica em que esses aplicativos e entregadores atuam, tornando essa territorialidade muito mais fluida. É o que o autor nos coloca como o “lugar dos sujeitos modernos inseridos nas comunidades virtuais. Enquanto territorialidades micro, estas comunidades virtuais asseguram um constante entrar e sair dos sujeitos que assim multiplicam e modulam a cada momento as suas identidades e as suas visões do mundo” (Fortuna, 2012, p.206). Bem como modulam a todo instante as espacialidades urbanas múltiplas, criando territorialidades imaginadas através de plataformas, sistemas e algoritmos que fomentam esses aplicativos no qual esses indivíduos se utilizam para exercer uma prática profissional e poder manter o seu sustento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

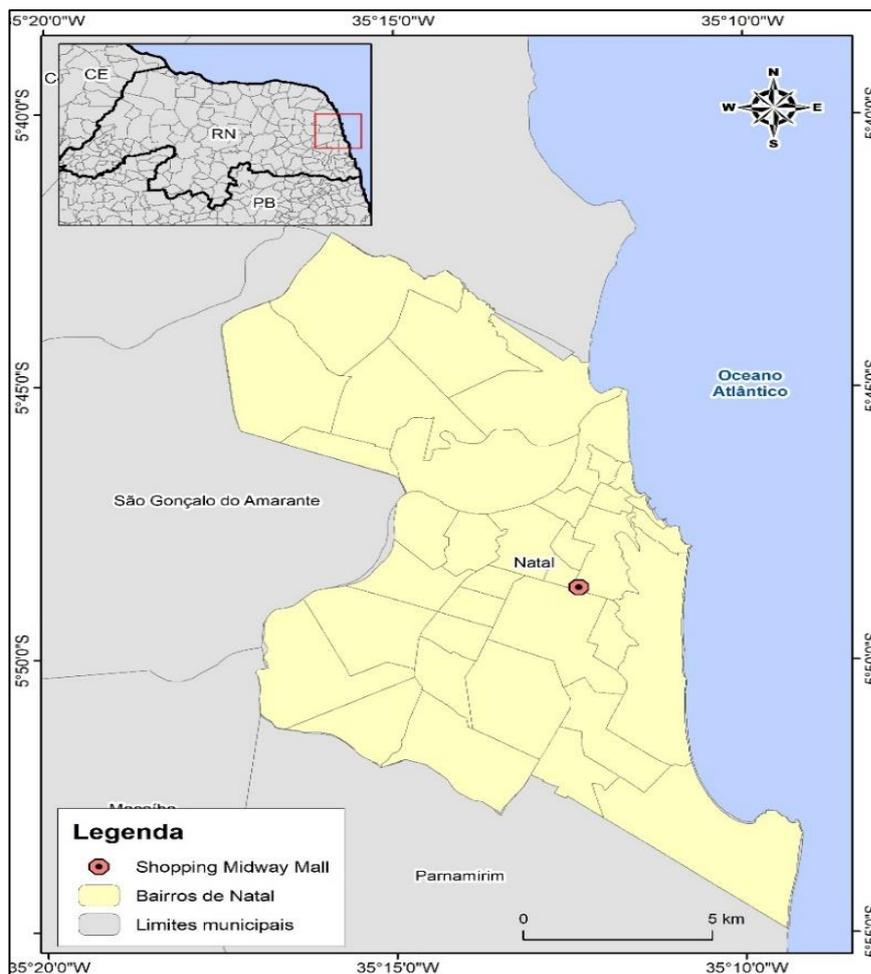
Para a realização dessa pesquisa e entendimento geral da problemática envolvendo os entregadores de comida por aplicativo, foi necessário inicialmente realizar levantamentos bibliográficos acerca dos conceitos de região, regionalização, território e (micro)territorialidades. Para isso, utilizou-se os seguintes autores: Gomes (2000) em região, Haesbaert (2010) em regionalização, Raffestin (1993) e Haesbaert (2004) em território e Fortuna (2012) para abordar as (micro)territorialidades.

O recorte espacial definido foi a cidade de Natal/RN, por apresentar uma diversidade de aplicativos de entrega e uma distribuição espacial heterogênea observada e de conhecimento pretérito dos autores. O recorte temporal delimitado foi o ano de 2020, principalmente devido a ação e impactos da pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) além da diversidade e evolução da temática percebida e identificada pelos autores.

Em complemento, para que fosse possível explorar e analisar a temática sob a ótica dos entregadores de comida por aplicativo, fez-se necessário a elaboração e aplicação de dois questionários, um com foco nos entregadores e outro nos usuários desses aplicativos na cidade. O primeiro questionário foi constituído por 14 questões, traçando o perfil geral dos entregadores além de suas relações diretas com os aplicativos/empresas e o contexto de pandemia do novo coronavírus. O segundo questionário, constituído por oito questões e com caráter complementar, pretendeu-se traçar o perfil geral dos usuários desses aplicativos e suas respectivas demandas na cidade de Natal/RN. Ambos os questionários foram aplicados em formato *online*, utilizando a plataforma *Google Forms*, no período entre 15 a 23 de setembro de 2020. Além disso, fez-se necessário a aplicação do questionário *in loco* com os entregadores de aplicativo. O local escolhido para aplicação foi um dos principais pontos de aglomeração perceptíveis na cidade de Natal/RN, o *Shopping Midway Mall* (Figura 1). A aplicação desse questionário de forma presencial ocorreu no dia 15 de setembro de 2020, no período de 16 horas às 18 horas, sendo coletado cinco respostas. De forma geral, tanto a aplicação dos questionários presencialmente quanto *online*, resultaram em 16 respostas no questionário acerca dos entregadores; e 25 respostas acerca dos usuários de aplicativo em Natal/RN.

Devido às medidas estaduais visando o distanciamento e isolamento social, prorrogadas pelo Decreto N°29.794/20 do Estado do Rio Grande do Norte (2020), optou-se neste trabalho em realizar apenas uma aplicação em campo do questionário, de forma a não colocar em risco a vida dos autores e de seus familiares.

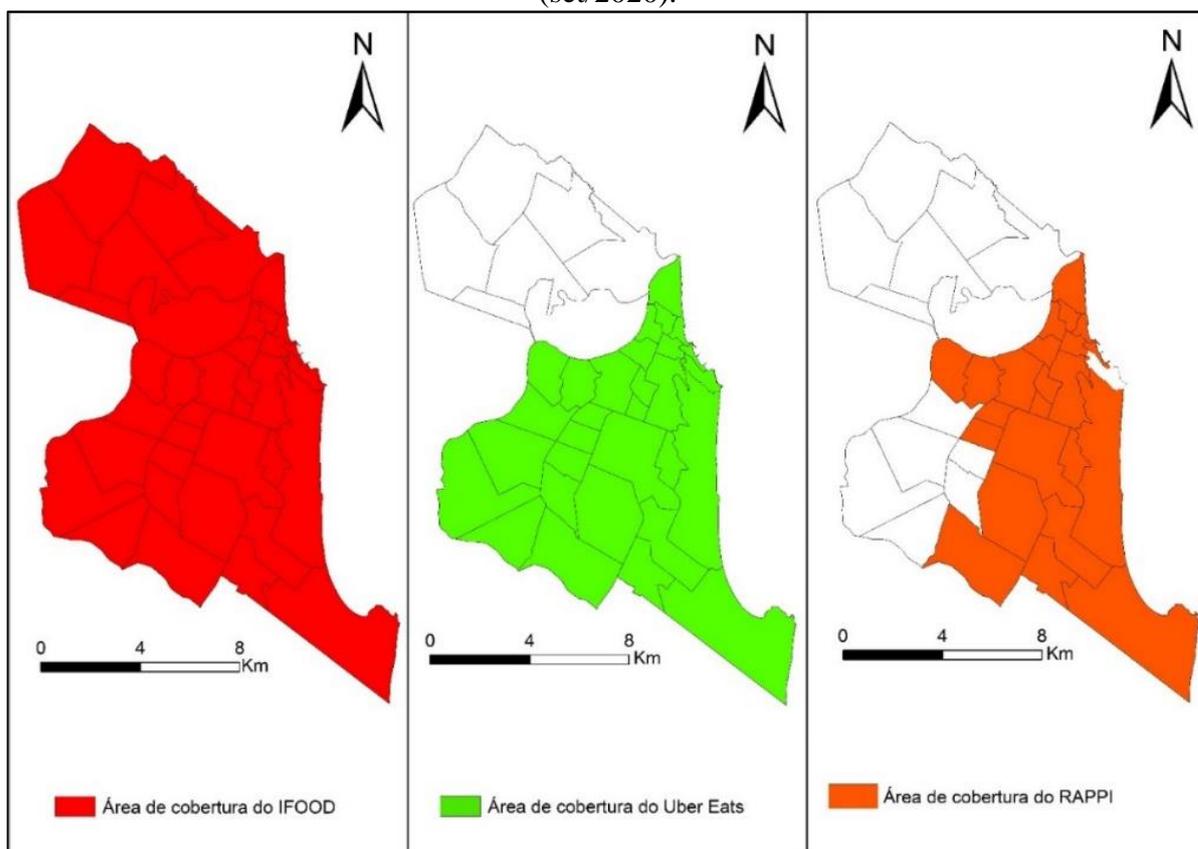
Figura 1. Localização da área de estudo e local de aplicação dos questionários em Natal/RN (2020)



Fonte: IBGE, 2010. Organizado pelos Autores.

Para a elaboração cartográfica presente neste trabalho, utilizou-se ambientes de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), permitindo a produção dos mapas de localização, distribuição da área de cobertura dos aplicativos e taxas de alfabetização e renda per capita na cidade. Para as discussões e análises realizadas, considerou-se os três maiores aplicativos por entrega em Natal/RN: *iFood*, *Uber Eats* e *Rappi*. Nas plataformas oficiais desses aplicativos, são disponibilizadas apenas informações acerca das cidades em que estes estão presentes, não informando os bairros que constituem sua área de cobertura. De forma a garantir a distribuição espacial desses aplicativos em Natal/RN neste estudo, selecionou-se pontos aleatórios em todos os bairros da cidade, permitindo verificar a disponibilidade desses aplicativos por bairro (Figura 2), essa checagem de disponibilidade foi realizada no dia 19 de setembro de 2020 através dos respectivos aplicativos em questão.

Figura 2. Área de cobertura dos aplicativos por entrega na cidade de Natal/RN (set/2020).



Fonte: iFood (2020), Uber Eats (2020) e Rappi (2020). Organizado pelos Autores

CAPITALISMO E O NOVO CONTEXTO DE *UBERIZAÇÃO* DO MERCADO DE TRABALHO

A princípio deve-se compreender que as estruturas da sociedade capitalista se dão sobre o protagonismo de duas classes: a trabalhadora (proletariado) e a capitalista (burguesia). Na ótica capitalista, a força de trabalho é uma mercadoria que o trabalhador usufrui e necessita vender, como qualquer produto, para obter sua subsistência. O valor simbolizado pela força de trabalho é o tempo de incumbência exigido para sua (re)produção servil, sendo esse compreendido como o tempo hábil que o indivíduo necessita cotidianamente para suprir as demandas de produção trabalhistas.

A mão de obra tem a necessidade de se reproduzir como potência de trabalho e fornecer a força de trabalho futura, esse é um dos motivos para Marx (2013) classificar o trabalhador como proletário. Em contrapartida, o capitalista que detém recursos para investimento produtivo, almeja alcançar um valor superior ao inicialmente investido, a mais-valia. Vale ressaltar,

que o ciclo de acumulação de capital ocorre pois o capitalista no final do processo de (re)produção, obtém um valor maior que o inicialmente aplicado. A força de trabalho é o elemento do ciclo que é capaz de gerar mais lucro que o seu próprio, porém esse excedente é convertido para o capitalista enquanto o proletário ganha o mínimo.

A consolidação desse sistema proporcionou ao capitalista uma função ardilosa do controle dos processos de (re)produção de trabalho, desse modo, o capitalista procura manter esse sistema do modo impiedoso que foi instaurado para manter seus privilégios, sendo sua única preocupação a mais valia, enquanto o proletariado permanece oprimido sendo refém de um ciclo vicioso de exploração. Esse cenário não é simplesmente um mecanismo de manutenção de cobiça, mas uma imposição social que visa a manutenção de capital e privilégios perpassados ao longo do tempo e continua em constante expansão.

O desenvolvimento tecnológico, amparado principalmente pela internet, vêm mostrando-se como meio propício para o desenvolvimento de novas formas de ampliação de capital e exploração da força de trabalho. Nesse sentido, consolida-se o movimento e modelo denominado de *crowdwork*, ou seja, o trabalho é desenvolvido por um único indivíduo tornando as funções da empresa descentralizadas. Além disso, nesse modelo têm-se por base a tríade: solicitantes, plataformas virtuais e os trabalhadores. Normalmente são ofertadas micro-tarefas que computadores e sistemas apresentam dificuldades de executar.

No atual contexto de globalização, a utilização de tecnologias em massa como: celulares, computadores, tablets etc., mantêm os indivíduos sempre conectados no seu cotidiano. É nesse amplo terreno de oportunidades que surgem empresas que apostam no sistema de *crowdwork*, por exemplo, a empresa *Uber* que iniciou suas atividades na cidade de São Francisco/EUA, em 2008.

Ao atravessarmos um processo de reestruturação nas relações capitalistas de trabalho, emerge assim uma nova forma de exploração de trabalho denominada *Uberização*. Esse é um atual meio de controle e ordenação da prestação de serviço visando suprir as tendências globais de liquidez. A terminologia *Uberização* é uma alusão à empresa *Uber*, pioneira na elaboração de uma plataforma digital oferecendo ações de locomoção urbana, onde é possível conectar usuários à prestadores de serviço. Tais serviços são vendidos como vantajoso devido a diversificação e facilidade oferecida pela plataforma como: valores mais baixos e acessíveis, a possibilidade de verificar a trajetória do percurso através do GPS no celular dos usuários,

fornecendo maior autonomia e controle inclusive na forma de pagamento, que podem ser efetuadas diretamente no aplicativo ou via prestadores de serviço.

O processo de *Uberização* ocorre sem qualquer vínculo empregatício entre a plataforma e o prestador de serviço, em que esses assumem todos os riscos que o serviço pode acarretar, suprindo todas as demandas da empresa que vão desde os custos da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), custos do veículo, combustível, manutenção e seguro. Tudo isso sem vinculação empregatícia ou ajuda financeira da plataforma, já que as empresas são tidas como interventoras entre oferta e procura. As empresas carregam seu discurso baseado nos preceitos liberais segundo Slee (2017; SUNDARARAJAN, 2016 apud ABÍLIO, 2019, p.3):

Agentes econômicos independentes que se encontram no mercado e exercem livremente suas potencialidades, o que levaria a um equilíbrio geral entre oferta e procura e à promoção do bem-estar geral. Ao mesmo tempo que se legitimam por discursos do desenvolvimento sustentável, da economia de acesso, da promoção de um mundo melhor, vêm monopolizando e reestruturando profundamente diferentes setores econômicos (Slee, 2017, Sundararajan, 2016 apud Abílio, 2019, p 3)

Sendo assim, a *Uberização* traz em seu cerne a exploração da força de trabalho resignificando o termo exército de reserva, já que os prestadores de serviço são solicitados apenas se necessário, através de sistemas e algoritmos. Pois a Plataforma monopoliza o controle administrando e gerindo a demanda de trabalho, já o prestador se mantém subordinado ao aplicativo às cegas cumprindo apenas o que lhe for solicitado e demandado pelo sistema.

Nessa perspectiva, constatamos que a *Uberização* do trabalho é um mecanismo particular de acumulação capitalista, já que produz uma reestruturação na relação de subordinação do trabalho, em que as multinacionais maximizam seus lucros sem grandes esforços, pois se pautam num discurso trabalhista contemporâneo de microempreendedorismo que acabam por recriar um exército de reserva que está sempre posto para suprir suas demandas.

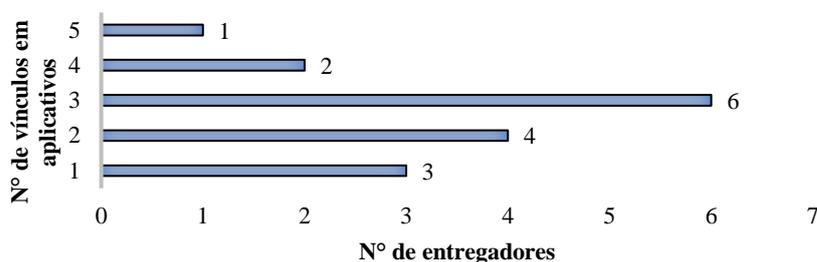
Ao questionar os entregadores que atuam em Natal sobre o conceito de microempreendedor e como eles se intitulam, 69% disseram se reconhecer como microempreendedores e 38% foram contrários a essa atribuição. Compreendendo esses dados, percebemos que o discurso disseminado por essas empresas, acerca do microempreendedorismo, torna-se cada vez mais aceito entre essa classe específica ao se identificarem com a denominação. É notório que dentro dessa estrutura de trabalho proposta por essas empresas, o entregador se sente autônomo dentro das suas funções, com a perspicácia de controlar seu tempo e sua forma de trabalhar, no entanto, essa autonomia é ilusória, uma vez

que os entregadores são submetidos dentro da ótica de exploração do trabalho e subordinados ao funcionamento desses aplicativos e seu referente lógica de funcionamento.

Essa composição de exploração de força de trabalho segundo Abílio (2019) pode ser compreendida como “trabalhador *just-in-time*”, estar nessa massa significa que os custos e riscos da atividade exercidos foram transferidos para o trabalhador, sendo esses despidos de direitos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) completamente desprotegidos quanto às questões de jornada de trabalho e remuneração. A contradição acompanha a rotina dessa categoria, já que esses administram seu próprio trabalho, sendo obrigados a elaborar inúmeros mecanismos de forma a garantir sua remuneração. Um aspecto fundamental da *Uberização* é que as plataformas não demitem os associados, pois esse não mantém vinculação efetiva com a empresa, entretanto, essas plataformas podem desligar o trabalhador do aplicativo sem aviso prévio ou seguro-desemprego, mostrando-nos uma das consequências dessa reprodução do capitalismo contemporâneo.

Tal estrutura também se reverbera na identidade do trabalhador, que muitas vezes ao se inserir nesse contexto, que não tem um estatuto claro de trabalho, pois esse apresenta um vínculo informal com as grandes multinacionais que travam lutas para operar acima da regulação do trabalho nacional, da fiscalização de trabalho, dos impostos e tributações. Os entregadores normalmente têm vínculo com inúmeros aplicativos de *delivery*, mas não apresentam uma identidade profissional. O que eles são? Entregador do *iFood*; entregador da *Uber Eats*; entregador da *Rappi*; entregador de *Delivery*? Mas como estes se denominam entregadores de determinada plataforma sem apresentarem vínculo efetivo com a empresa que vá além de um simples cadastro?

Nesse sentido, em nosso questionário constatamos que 38% afirmam possuir empregos formais, com base na CLT e que trabalham nesses aplicativos apenas no intuito de complementar sua renda mensal. Por outro lado, durante esse mesmo questionamento, 69% dos entrevistados afirmaram não possuir relações empregatícias formais, sendo o trabalho nesses aplicativos sua única fonte de renda. Como já discutido, devido a essa instabilidade e carência de direitos trabalhistas, muitos indivíduos buscam associar-se em diferentes aplicativos. Isso pode ser constatado na Figura 3, ao observarmos que nove entregadores possuem vínculo com mais de três aplicativos, sendo apenas três entregadores que possuem vínculo com um único aplicativo. Dos aplicativos pesquisados nesse trabalho, o *iFood* apresentou o maior número de vínculos, com 32%, seguido do *Uber Eats* com 27% e *Rappi* com 22% desses vínculos.

Figura 3. Número de vínculos de entregadores em aplicativos de *delivery* (2020)

Ainda nesse cenário, a *Uberização* é apontada como solução para amenizar as crescentes taxas de desemprego no Brasil, principalmente no contexto atual, mostrando essas plataformas como saída para produção de renda e autonomia do colaborador, já que em tese esse pode escolher sua jornada de trabalho e em que ponto da cidade irá atuar. Contudo, ao adentrarmos nas questões que envolvem o capitalismo, avanço tecnológico e as relações de trabalho poder-se-ia perceber as contradições da *Uberização*, pois as grandes multinacionais acabam por maximizar seu capital e aumentar seu lucro, enquanto as relações de trabalho são cada vez mais precarizadas e fragilizadas.

Mesmo possuindo essa ilusória escolha de onde trabalhar, os entregadores por vezes são subordinados a atuarem em determinadas localizações por estas apresentarem uma maior confluência de pedidos e conseqüentemente ganhos financeiros, devido ao fluxo de usuários e o próprio funcionamento do sistema do aplicativo. Portanto, acabam ocasionando pontos de aglomeração na cidade, ao ocuparem esses espaços, estabelecendo redes ao se manterem conectados com outros locais.

Ao observarmos a Figura 4, podemos compreender o panorama geral em que se situa a cidade de Natal/RN. Primeiramente, é possível constatar a distribuição espacial da renda mensal (em número de salários-mínimos) por bairro, em que oito bairros da cidade apresentam renda mensal média entre 3,04 a 6,74 salários-mínimos, localizados entre os bairros da zona administrativa leste e sul. Além disso, constatamos que nenhum bairro localizado na zona administrativa norte possui renda média mensal acima de 1,67 salários mínimos. Na zona administrativa oeste essa situação também é observada, entretanto, alguns bairros próximos a zona sul apresentam renda média mensal de até 3,03 salários-mínimos. Portanto, podemos observar uma disparidade dessa renda na cidade e como está se distribuí.

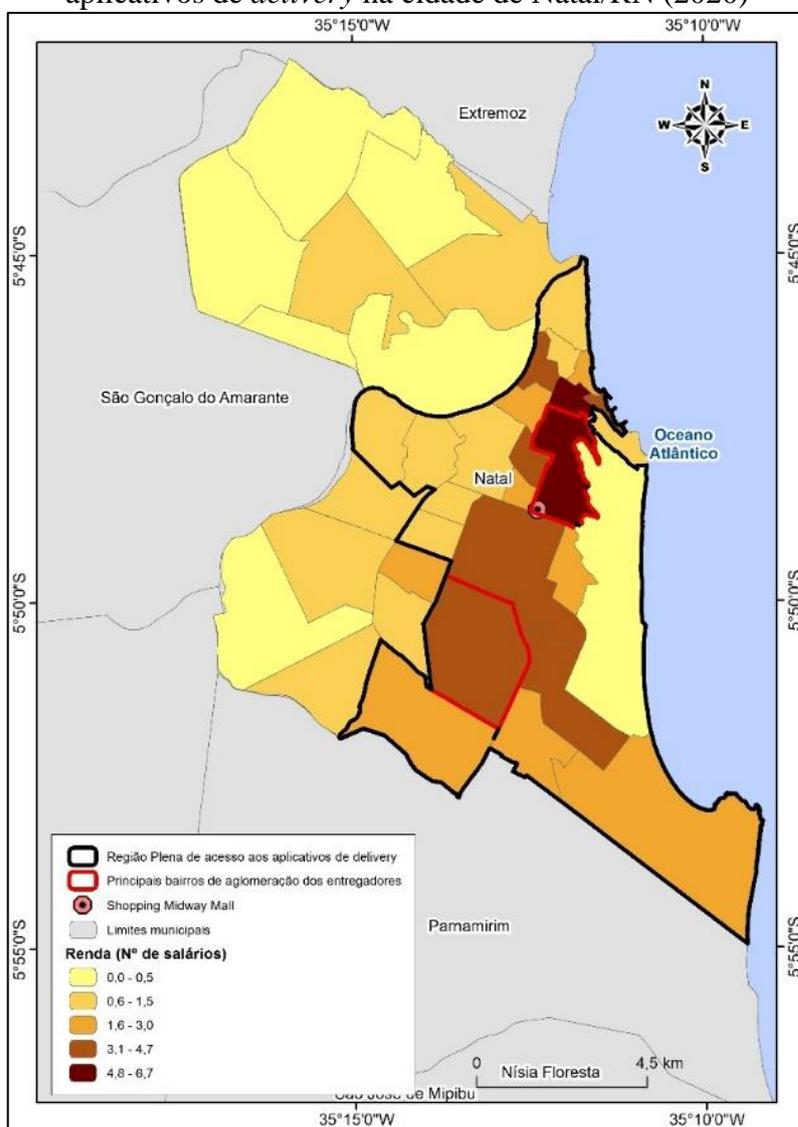
Ainda na Figura 4, observamos uma alta concentração de entregadores nos bairros de Candelária e Tirol, bairros estes em que estão localizados os principais shoppings centers da cidade. Nesses shoppings, além de possuírem inúmeros estabelecimentos disponíveis nos aplicativos, também possuem uma localização estratégica. Por exemplo, o *Midway Mall* é o maior shopping da cidade de Natal e do Rio Grande do Norte, possuindo uma localização central na cidade, entre as duas principais avenidas, atendendo a maioria dos bairros. O segundo maior ponto de aglomeração observado é no bairro de Candelária, localizado mais ao sul da cidade, em que se localiza o Natal Shopping que atende toda a região sul da cidade. Para além dos fatores de localização dos shoppings centers, esses bairros com aglomeração de entregadores apresentam poder aquisitivo maior, através da renda mensal média de seus habitantes.

Por fim, ainda na Figura 4, propomos uma intersecção entre as áreas de cobertura de atuação dos aplicativos *iFood*, *Uber Eats* e *Rappi*, mostradas anteriormente nos procedimentos metodológicos. Ao realizarmos essa intersecção de área de cobertura, encontramos na cidade de Natal/RN uma área de acesso total aos três principais aplicativos existentes na cidade, no qual denominamos de região plena de acesso. Dessa forma, ao observarmos essa região plena de acesso constatamos que esta é constituída por bairros da zona administrativa leste e sul e por alguns bairros da zona oeste. Nessas localidades, temos os bairros com maior poder aquisitivo em renda mensal da cidade, principalmente na zona leste e sul. Além disso, localiza-se nessa região plena de acesso os principais pontos de aglomeração identificados na pesquisa.

Entretanto, é necessário ressaltarmos alguns pontos importantes para o entendimento dessa proposição. Em primeiro lugar, acesso pleno a um aplicativo de *delivery* não significa necessariamente que o usuário irá usufruir por completo todos os aplicativos, uma vez que cada estabelecimento cadastrado nessas empresas possuem o poder de decisão em aceitar ou não os pedidos realizados no sistema. O segundo ponto refere-se a não abrangência da zona norte nessa região plena de acesso, uma vez que para a realização desse trabalho consideramos apenas aplicativos de *delivery* pertencentes a empresas multinacionais – para que pudéssemos observar as relações de trabalho contemporâneas. Portanto, não foram consideradas para análise os aplicativos e plataformas digitais próprios dos estabelecimentos e que não necessariamente se afiliam a essas grandes empresas. Portanto, podemos teorizar que a zona norte de Natal não se enquadra na área de cobertura das principais empresas multinacionais, mas que provavelmente é atendida por aplicativos e plataformas próprios dos estabelecimentos locais.

De acordo com Oliveira (2020), a *Uberização* é um mecanismo de manutenção das desigualdades sociais, sendo essa o resultado do acúmulo de: cadeias de produção, fragmentadas com massivos processos de terceirização e de subcontratações e a progressiva perda de direitos trabalhistas. Sendo assim a *Uberização* é consequência de um sistema neoliberalista que tem como preceito a flexibilização e a privatização. O discurso neoliberal, que a partir da junção entre agentes livres e iguais e que essas inter-relações regulam o mercado, é reverberado nessa nova forma de organização e exploração de trabalho que segundo Abílio (2019) é tida como “auto gerentes subordinados”.

Figura 4. Bairros de aglomeração dos entregadores e região plena de acesso aos aplicativos de *delivery* na cidade de Natal/RN (2020)



Fonte: Censo Demográfico – IBGE (2010). Organizado pelos autores.

A UBERIZAÇÃO E A PANDEMIA DA SARS-CoV-2

Desde meados de 2015, o Brasil vem atravessando uma crise econômica que acentuou o desemprego no país. Nesse contexto têm emergido novas opções de ocupação no mercado de prestação de serviço sendo os mais comuns: os motoristas e os entregadores por aplicativo. Segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL, 2018) o consumo de alimentos por aplicativos de *delivery* tem crescido anualmente no Brasil, alcançando um faturamento em R\$1 bilhão por esse tipo de plataforma mesmo no contexto delicado em que o país atravessa. Ainda de acordo com ABRASEL (2018) as plataformas de *delivery* faturaram mais de R\$ 10 bilhões em 2017.

A popularização do uso de aparelhos tecnológicos tem corroborado muito para a expansão dessa tipologia de serviço, expandindo cada vez mais a utilização dessa tipologia de recursos. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2018) 74,7% dos brasileiros têm acesso à internet, o que corresponde a 181,9 milhões de pessoas. Ainda segundo a PNAD (2018) 79,3% da população brasileira com 10 anos ou mais possuem telefone. Essa expansão do uso de aparelhos de Tecnologia da Informação tornou mais fácil e cômodo solicitar comida sem necessidade de se deslocar, pois em apenas alguns minutos é possível ter à sua disposição uma gama de restaurantes, próximo a sua localização, com uma ampla diversidade de cardápios, promoções e possibilidade de verificar as avaliações efetuadas por outros usuários de aplicativos.

No Brasil, o mercado de entrega por aplicativos é amplo, porém sofreu grande expansão no ano de 2020, devido ao cenário propiciado pela pandemia do SARS-CoV-2. A *Uberização* emergiu como uma tendência global, e durante o período de isolamento e distanciamento social, as demandas por entregadores foram intensificadas. Observando a Figura 5, constatamos o aumento das entregas pelos trabalhadores em Natal/RN, em que 69% afirmaram que ocorreu esse aumento. Entretanto, observando a Figura 6, notamos que 50% dos entregadores que responderam nosso questionário afirmaram não perceber um aumento de renda durante esse período de pandemia, mesmo a carga horária de trabalho ter aumentado.

Figura 5. Ocorrência do aumento de entregas por aplicativo de *delivery* durante o período da pandemia do SARS-CoV-2 em Natal/RN (2020)

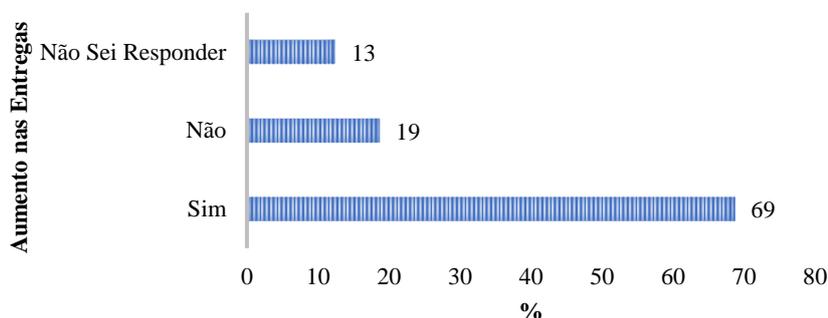
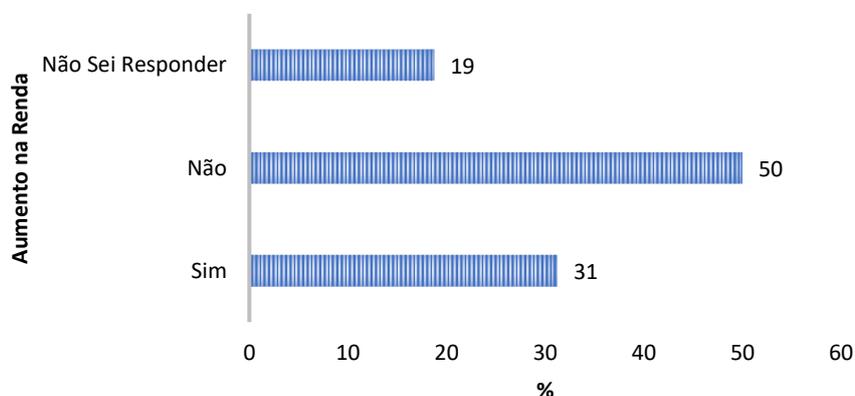


Figura 6 – Ocorrência do aumento de renda dos entregadores de aplicativo por *delivery* durante a pandemia do SARS-CoV-2 em Natal/RN (2020)



Essa disparidade entre aumento das entregas e a estagnação na renda, remete a exploração de mão de obra barata. Diante da pandemia o cenário econômico ficou crítico e muitas pessoas perderam os empregos formais, a facilidade em associar-se aos aplicativos de entrega trouxe a esperança de manter a renda equalizada. Existe uma maior demanda de entrega, e uma população que sofre com alta no desemprego, a partir disso, talvez seja possível entender o motivo de não haver aumento na renda daqueles que já trabalhavam nessas plataformas e nem a melhora nas taxas cobradas.

Os brasileiros atravessam uma crise histórica, segundo a PNAD (2020) há 12,8 milhões de desempregados no segundo trimestre de 2020, nesse quadro caótico e com a impossibilidade de encontrar um emprego formal as pessoas se veem obrigadas a recorrer às empresas de aplicativos, já que essas se mostram como a única alternativa viável para gerar recursos no quadro atual.

Segundo a revista *Veja* (2020), em 2020 somente na plataforma digital *iFood*, há mais de 140 mil entregadores cadastrados e outros 200 mil entregadores são terceirizados, pois atendem diretamente determinados restaurantes. Ainda de acordo com a *Veja* (2020) o *iFood* no primeiro semestre recebeu cerca de 175 mil de inscrições para atuar como entregador na plataforma. Em Natal-RN tal quadro de expansão dessa tipologia de trabalho não é divergente do restante do Brasil. Segundo a Revista *Saiba Mais* (2020) em Natal há mais de 12 mil entregadores de aplicativos - sendo desse montante 10 mil que efetuam entregas de motocicleta e 2 mil realizam entregas em bicicletas - estando estes submetidos às condições precárias.

CONCLUSÕES

No contexto atual em que vivemos, as transformações e avanços tecnológicos ocupam cada vez mais espaço no cotidiano de nossa sociedade, seja através do lazer, estudos ou trabalho. Esse cotidiano tecnológico não se desenvolve separadamente, mas em consonância com outras esferas de nossa sociedade, como a forma de consumo ou mesmo as relações de exploração do trabalho. No decorrer deste trabalho, pudemos observar que os formatos e modos de consumo têm-se modificado, adaptando-se a um contexto cada vez mais tecnológico, impulsionando o mercado de aplicativos por *delivery*, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Esses novos formatos são acompanhados das transformações da exploração da força de trabalho, através de modelos como *Crowdwork*, em que as tarefas e os “saber-fazer” são desenvolvidos unicamente pelos trabalhadores, criando uma dissociação e descentralização das empresas - nesse contexto, tornando-se apenas gestoras dessa força de trabalho. Portanto, com auxílio e impulsão do desenvolvimento tecnológico, a forma de exploração do trabalho modifica-se perante uma lógica sistematizada nos parâmetros de aplicativos, *softwares*, algoritmos, plataformas e linguagens de programação, controladas por empresas multinacionais. É nesse contexto que surge formas de exploração como a *Uberização*, em que a realização das tarefas de um trabalhador é pautada na tríade solicitante-plataforma-trabalhador.

Conjuntamente dessas transformações, no ano de 2020 o mundo vivencia provavelmente a pior pandemia do século XXI, causada pelo novo vírus: o SARS-CoV-2. Com esse contexto, milhões de indivíduos são forçados a praticar o isolamento e distanciamento social, ocasionando diferentes consequências para os modos de vida dessa população: o

desemprego elevado; a insegurança financeira e novos formatos de consumo de produtos que se adequem a esse distanciamento e isolamento social.

A partir de todo esse contexto, esse trabalho se propõe a observar a dinâmica dos aplicativos por *delivery* na cidade de Natal/RN, sob a ótica dos entregadores e dos novos formatos do mercado de trabalho. Como foi discorrido ao longo do trabalho, constatamos que na cidade de Natal/RN existe uma diversificação das áreas de cobertura dos principais aplicativos por *delivery* (*iFood, Uber Eats e Rappi*). Essa diversificação para a cidade proporciona, não apenas diferentes condições de acesso à população, que denominamos de Região Plena de Acesso, mas também diferentes locais de atuação de trabalho dos entregadores desses aplicativos.

Observamos que na cidade de Natal/RN, os entregadores de aplicativo criam pontos de aglomeração, ou seja, concentrações no espaço urbano em que sua atividade profissional se realiza de forma plena, embora possua uma fluidez devido ao formato e funcionamento dos aplicativos. Essa concentração em determinados pontos, como no *Shopping Midway Mall*, estabelece não apenas pontos de aglomeração, mas também (micro)territorialidades desses indivíduos, que por causa da forma de reprodução dos seus modos de vida e das necessidades de trabalho, ocupam esses espaços, portanto, os delimitam a partir de suas necessidades, estabelecendo (micro)territorialidades. Em certa medida, podemos compreender a ocupação desses espaços e a delimitação desses (micro)territórios enquanto regionalidades, ou processos de regionalização, ao diferenciar esses espaços da cidade dos demais, criando regiões onde o fluxo de trabalho é maior, aglomerando um maior número de entregadores na cidade. Além disso, essas (micro)territorialidades não se constituem apenas por um caráter profissional de realização de trabalho, mas também pode ser caracterizado através das interrelações estabelecidas entre os entregadores, uma vez que ao ocuparem de forma contínua esses mesmos espaços, acabam por estabelecer amizades e laços de companheirismo que transbordam o âmbito profissional.

Portanto, podemos observar que os recentes metamorfismos que o capitalismo vem realizando, adaptando-se a um cotidiano da população cada vez mais tecnológico, têm influência direta nas formas de trabalho de entregadores de aplicativos por *delivery*. Esses entregadores, na tentativa de se adequarem a esse sistema, acabam gerando aglomerações no território natalense, estabelecendo próprias (micro)territorialidades e mesmo regiões de maior fluxo de entrega e trabalho além de uma região plena de acesso aos usuários.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. “**Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado**”. *Psicoperspectivas [online]*, vol. 18, n.3, p.41-51, 2019.

AGÊNCIA BRASIL. “**Compras por aplicativo têm alta de 30% durante pandemia, diz pesquisa**”. 2020a. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/compras-por-aplicativos-tem-alta-de-30-durante-pandemia-diz-pesquisa>>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

AGÊNCIA BRASIL. “**IBGE: desemprego na pandemia atinge maior patamar em agosto**”. Agência Brasil, 2020b. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-09/ibge-desemprego-na-pandemia-atinge-maior-patamar-em-agosto>>. Acesso em: 27 de set. de 2020.

ALVES, Amauri Cesar.; BAGNO, Lorena Isabella Marques; GONÇALVES, Nicolle. “**Entregas mediadas por aplicativos e o mito do empreendedor de si mesmo na pandemia do coronavírus**”. *Direito.UnB - Revista de Direito da Universidade de Brasília*, v. 4, n. 2, p. 85-116, 31 ago. 2020.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; PINHO, Ana Paula Moreno; COSTA, Clériston Alves. “**Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais**”. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 6, p. 20-29, 1995.

BITTENCOURT, Flora Thamiris Rodrigues. “**O consumo de comida via aplicativos de delivery no ambiente laboral: um caminho para precarização do trabalho?**”. *Diálogo Com A Economia Criativa*, v. 4, n. 10, p. 34-46, 13 mar. 2019.

FORTUNA, Carlos. “**(Micro)territorialidades: metáfora dissidente do social**.” *Terra Plural*, v. 6, n. 2, p. 199-214, 31 ago. 2012.

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. “**Uberização do trabalho e acumulação capitalista**”. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 17, p. 844-856, 16 out. 2019.

GOMES, Paulo César da Costa. “O conceito de região e sua discussão”. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 59-76.

HAESBAERT, Rogério. “**O Mito da Desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**”. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. “**Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas**”. *Antares: Letras e Humanidades, Caxias do Sul*, n. 3, 2010. p. 2-24
IFOOD. **iFood**, 2020. Disponível em: <<https://www.ifood.com.br/>>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: principais resultados: divulgação trimestral**”. Rio de Janeiro: IBGE; 2020.

MARX, Karl. “**O capital: crítica da economia política**”. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus: Covid-19**, c2020. Sobre a doença. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#sintomas>>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

MONTY, Renata. “Consumo de comida por aplicativos: os impactos das materialidades da comunicação em Uber Eats e iFood”. In: **COMUNICON** – Congresso Internacional de Comunicação e Consumo, 2018, Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: ESPM, 2018, p. 1-15.

OLIVEIRA, Flávia Manuella Uchôa de. “**Saúde do trabalhador e o aprofundamento da Uberização do trabalho em tempos de pandemia**”. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, São Paulo, 2020, p.1-8, 2020.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.
RAPPI. **Rappi**, c2020. Disponível em: <<https://www.rappi.com.br/>>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

RIO GRANDE DO NORTE. **Decreto N°29.794, de 30 de junho de 2020**. Dispõe sobre as medidas de saúde e a política de isolamento social rígido para o enfrentamento do novo coronavírus (COVID-19) durante a retomada gradual responsável das atividades econômicas no âmbito do Rio Grande do Norte, prorroga a suspensão das atividades escolares presenciais e dá outras providências. Rio Grande do Norte: Diário Oficial, 2020. Disponível em: <http://diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20200630&id_doc=687381>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

SAIBA MAIS. “**Entregadores por aplicativo fazem 2º #BrequeDosApps em Natal e lançam manifesto**”. 25 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.saibamais.jor.br/entregadores-por-aplicativo-fazem-2o-brequedosapps-em-natal-e-lancam-manifesto/>>. Acesso em: 27 de set. de 2020.

TERRA. **Número de entregadores de aplicativo cresce após COVID-19**. Terra, 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/numero-de-entregadores-de-aplicativo-cresce-apos-covid-19,a260720f923439424d686333ed8d32ee9arc7ofd.html>>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

Submetido em 22 de janeiro de 2021

Aceito em 28 de dezembro de 2021

Publicado em 18 de março de 2022